

Mulheres imigrantes e suas representações em *podcast*: debates sobre gênero, xenofobia e *insights* interseccionais

Immigrant women and their representations in podcast: debates on gender, xenophobia and intersectional insights

Irlanda Pires de Sá Sousa*
Fabiana Pinto de Almeida Bizarria**
Flávia Lorenne Sampaio Barbosa***
Meirejane Cardoso Gomes****

Resumo

O artigo visa analisar representações sociais de mulheres imigrantes, por meio de narrativas exibidas na plataforma de mídia *podcast* ‘Mulheres Imigrantes’, sobre a lente das representações sociais e, ainda, considera as interseccionalidades derivadas das relações de poder. Com suporte em abordagem processualista, a pesquisa apreendeu narrativas de 15 episódios, considerando especificamente dinâmicas excludentes e xenofóbicas sob o prisma da tríade gênero, raça e classe, questões que historicamente fazem eco à virada decolonial. Como resultado das narrativas foram definidas as categorias empíricas ‘Preconcepções Estruturais’, ‘Naturalização’, ‘Subalternidade’, ‘Reificação’, ‘Vulnerabilidades’, ‘Violências’, ‘Medo e insegurança’, ‘O não enfrentamento’ e ‘Resignificação’. A discussão avançar na compreensão da migração de mulheres, sobre a lente das representações sociais considerando as interseccionalidades, mais enfaticamente derivadas das relações de poder no que tange ao gênero e à imigração de origem ‘periférica’. Pesquisas futuras podem analisar representações da mulher diante da imigração em função do contexto de crise, o que pode ampliar as encruzilhadas interseccionais das imigrações, possivelmente quando estas envolvem não a busca voluntária visando ampliação dos estudos, com debates sobre classe ou classificação social e questões raciais.

Palavras-chave: Subalternidade. Retificação. Classe. Raça.

* Especialista em Gestão Pública pela Universidade Federal do Piauí (UFPI); Professora de contabilidade, do Instituto Federal do Piauí (IFPI); Membro do Núcleo de Pesquisa em Processos Organizacionais e Tecnologia (NuProTec/IFPI) e NUPEGEP/UFPI; E-mail:

** Doutora em Administração pela Universidade de Fortaleza, Estágio Pós-Doutoral pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual do Ceará; Professora do curso de Administração da Faculdade Luciano Feijão (FLF) onde lidera o Grupo de Pesquisa CNPq Trabalho e Gestão das Organizações; Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública na UFPI (Mestrado Profissional); E-mail:

*** Doutorado em Administração de Empresas pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Docente do Programa de Pós-graduação em Gestão Pública e do Programa de Pós-graduação em Administração Pública (PROFIAP), ambos da UFPI, nível mestrado profissional; Pesquisadora integrante do grupo de pesquisa NUPEGEP, vinculado ao curso de Pós-graduação em Gestão Pública da UFPI, e do grupo de pesquisa intitulado “Trabalho e Gestão das Organizações” em parceria com a Faculdade Luciano Feijão (FLF); coordenadora, no âmbito da UFPI, da aplicação do Estudo Mundial sobre Empreendedorismo junto aos Estudantes Universitários do Brasil (GUESSS Brasil); E-mail:

**** Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade pela Universidade Estadual do Ceará. Professora do curso de Serviço Social da Faculdade RATIO.

Abstract

The article aims to analyze social representations of immigrant women, through narratives exhibited in the podcast media platform 'Immigrant Women', through the lens of social representations and also considers the intersectionalities derived from power relations. With support in a processualist approach, the research apprehended narratives from 15 episodes, specifically considering exclusionary and xenophobic dynamics under the prism of the triad gender, race and class, issues that historically echo the decolonial turn. As a result of the narratives, the empirical categories 'Structural Preconceptions', 'Naturalization', 'Subalternity', 'Reification', 'Vulnerabilities', 'Violence', 'Fear and insecurity', 'The non-confrontation', and 'Re-signification' were defined. The discussion advances the understanding of women's migration, through the lens of social representations considering intersectionalities, most emphatically derived from power relations regarding gender and immigration of 'peripheral' origin. Future research may analyze representations of women when faced with immigration in light of the crisis context, which may broaden the intersectional crossroads of immigrations, possibly when these involve not voluntary seeking aimed at broadening studies, with debates on class or social classification and racial issues.

Keywords: Subalternity. Rectification. Class. Race.

Introdução

As migrações sempre ocorreram, e, com a globalização, estes movimentos migratórios se intensificaram, desde as que configuram-se como 'forçadas', a exemplo dos refugiados, e a 'voluntária', que envolve motivações variadas para que pessoas busquem residir em outras regiões ou países. Dados da Organização das Nações Unidas (ONU), por meio do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas (UN DESA), que elabora periodicamente o relatório *International Migrant Stock* (2020), relevam importante crescimento da migração desde a década de 1990 até os anos de 2020, quase duplicou em números totais.

Com o aumento dos fluxos migratórios internacionais, é cada vez mais frequente nos países receptores, denúncias de situações de assédio e xenofobia, sendo esta descrita como "atitude, preconceito ou comportamento que rejeita, exclui e, frequentemente, diminui pessoas com base na percepção de que são estranhas ou estrangeiras relativamente à comunidade, à sociedade ou à identidade nacional" (OIM, 2009, p. 80). Além da xenofobia, as migrações femininas envolvem outro processo de violação, relacionado às questões de gênero, estando os conceitos relacionados, bem como o racismo e o sexismo se cruzam como dois sistemas de exclusão e dominação (FISCHER; DAHINDEN, 2017).

O fenômeno da feminização nas dinâmicas migratórias tem sido relevante. De acordo com Morokvasic (1984), as mulheres foram, durante muito tempo, vistas como dependentes passivas, limitando-se a seguir seus maridos, companheiros ou familiares que emigraram. As migrações femininas autônomas estão em ampliação, as mulheres migram sozinhas ou acompanhadas de filhos, na busca de melhor qualidade de vida ou para fugir do empobrecimento em seu país de origem. Em geral, são mulheres que saem de seus países em função da falta de oportunidades, da violência e opressão no próprio núcleo familiar e comunitário, assim como a vontade de se emancipar e realizar sonhos (DUTRA, 2013).

Os padrões socialmente definidos à mulher impõem desafios adicionais. Dutra (2013), por exemplo, reconhece que estão associados às normas de conduta à mulher imigrante, o *status* migratório, a origem social, a cor da pele, a prática (ou não prática) de uma determinada

religião e a nacionalidade. A desigualdade relacionada ao poder, ainda, derivados dos eixos “classe, raça e gênero” (SCOTT, 1990) impõe narrativas, discursos e representações sobre a mulher migrante que mobilizam investigações sobre o fenômeno.

A feminização das migrações impulsionou mudança de paradigma nos estudos sobre o assunto, com a inclusão, a partir dos anos 1970, das questões de gênero e suas interseções, anteriormente ofuscadas por análises do processo migratório de teor masculino (ASSIS, 2004), ao passo que muitas pesquisas não considerem a dimensão política da categoria gênero (Neves, 2011). Essas migrações, portanto, assumem representações sociais relacionadas ao gênero, à classe, à raça, operando de forma interseccionada, no que tange à exclusão e subalternização desse público (CRENSHAW, 1991). Abordagem interseccional, ainda, contribui para entender as estruturas de opressão e dominação, ampliando a sensibilização à justiça social, como defende De Vries (2020), na perspectiva da cidadania global.

As migrações femininas também estão envolvidas em processos genderizados, ou seja, estão “imbuídas de concepções de poder desniveladas e legitimadoras de ações que visam garantir a continuidade do sistema patriarcal” (NEVES, 2007, p. 621). No contexto do patriarcado, uma ideologia paternalista é crucial porque desarma a resistência ao gênero desigualdade ao moldar sutilmente as percepções de quais são e devem ser os papéis sociais das mulheres. Em outras palavras, os sistemas de crenças paternalistas fornecem o mel proverbial que é usado para atrair pessoas desfavorecidas. grupos a aceitarem sua subordinação (SIBLEY; OSBORNE, 2016)

Assim, a mulher como ator social adentra a produção econômica do país acolhedor para assumir serviços de assistência, cuidados a idosos e domésticos em espaços laborais em que vigoram a informalidade na contratação, parca fiscalização e explorações com jornadas de trabalho prolongadas e/ou sem pagamento de hora extra (MARQUES; GOIS, 2011). As mulheres, nesse processo, representam importantes vítimas de controle por parte do Estado, segregação laboral, relações trabalhistas abusivas, lógicas de servidão, discriminação étnico-racial, isolamento e o preconceito (BERTOLDO, 2018).

Os saberes e significados que mobilizam os discursos e as práticas sociais colocam o sujeito mulher em posição vulnerável (AMANCIO, 2004), e ganha maior dimensão quando a migrante parte de países ‘periféricos’, afrodescendentes ou mulheres historicamente à margem da sociedade (Redin, 2020), imprimindo-lhe um estatuto subalterno. A produção de estereótipos e estigmatização decorrentes, carregam representações essencializadas e naturalizadas: as mulheres brancas europeias construídas como Maria/mães/esposas/virgens e as indígenas, negras, mestiças construídas como Evas/pecadoras/prostitutas (STOLKE, 2006).

Pesquisas, como, por exemplo, a de Prado *et al.* (2021), sobre manchetes da *web* jornalismo brasileiro sobre notícias relacionadas à imigração feminina venezuelana de 2016 a 2019, evidencia representações dessas mulheres como pessoas à margem do contexto social, associando-as exclusivamente à pobreza, à marginalização, à criminalização e, principalmente, à prostituição, perpetuando concepções sobre desigualdades sociais de gênero e da xenofobia.

Sobre imigração brasileira em Portugal, Machado (2009) afirma que as mulheres brasileiras são representadas com estereótipos ‘alegre’ e ‘sensual’, repercutindo em seu processo de inserção laboral no país receptor. Em relação às mulheres latino-americanas na Espanha Juarez (2014), evidenciou o papel central dessas mulheres na sobrevivência das famílias; na construção e produção de novos significados sobre ser mulher; a sua concepção de

vida, as relações sociais e a vida a dois. Tais significados são determinados pelas expectativas e condições em que o processo de migração ocorre, assim como a sua inserção laboral.

Representações associadas à mulher imigrante, portanto, desafiam a expressão das capacidades frente às situações que exigem reinvenção, como a empreitada de e/ imigração (MATOS; TRUZZI; CONCEIÇÃO, 2018). Mesmo com a expansão dos estudos, a temática demanda investigações em função da complexidade da interação gênero-raça-etnia, a resistência aos discursos genderizados e de padrão colonial, e o padrão heteronormativo (BUTLER, 1990), que desafia outras possibilidades representações, como mulheres cisgênero ou transgênero, entendendo que “Cis, trans: antes de tudo metáforas”, que referenciam “pontos de referência, dois extremos numa dada divisão do mundo, entre eles uma grande variedade de assuntos e casos fronteiriços” (RODOVALHO, 2017, p. 365, 239).

As representações sociais atribuídas às mulheres são parte da construção da identidade desse público (MORAES, 2012), associadas à configuração histórica do papel atribuído socialmente e definem categorias de classificação, a exemplo de ‘as moças de família - a mulher para casar’, ‘o destino sagrado da maternidade’ e, ‘educadas para servir’ (PINTO, 2015). Nesse sentido, como ressalta Araújo (2005) as diferenças de gênero são construções sociais, sugerindo que o processo de transformação das relações de gênero pode contribuir com novas interrogações sobre o tema.

Essas transformações podem, inclusive, serem observadas em plataformas de mídias sociais, considerando a abertura de espaços para debates sobre temas variados, com a possibilidade de ampliação de vozes das minorias sociais. A pesquisa de Malmberg e Panti (2020), por exemplo, ao estudar representações sobre gênero a partir da plataforma de mídia Youtube, informa que por meio das mídias pode-se acessar o contexto sociocultural entrelaçado às práticas cotidianas de minorias marginalizadas.

Ante esse contexto, o artigo visa analisar representações sociais de mulheres imigrantes, por meio de narrativas exibidas na plataforma de mídia *podcast* ‘Mulheres Imigrantes’. A mídia é gerida pela brasileira Barbara dos Santos, imigrante em Sidney, Austrália, com conteúdos que abordam desafios e conquistas de imigrantes em várias partes do mundo, sobretudo na Austrália e na Europa. Para tanto, a pesquisa apreendeu narrativas em 15 episódios, reconhecendo o *podcast* como fonte de evidências para a pesquisa, a partir de experiências de pesquisas apresentadas por Howard-Sukhil, Wallace e Chakrabarti (2021), Vasquez Heilig et al. (2021) e Lundström e Lundström (2021), ou, especificamente em análises sobre gênero, como em Moten, (2021) e Hoydis (2020).

Teoria das Representações Social, Gênero e Interseccionalidade

Ao empreender análise sobre representação social associada à mulher imigrante, considera-se essencial reunir esforços para compreender significados para representação social, e, ainda, debate relacionado ao gênero. Como ressalta Sanabria (2018) o campo de estudo que empreende análises de natureza ‘compreensiva’ no campo dos estudos organizacionais, o construtivismo e o construcionismo abrangem um leque de possibilidades, em particular em consideração ao contexto latino-americano.

Por representação em abordagem compreensiva e qualitativa sobre representações sociais, entende-se posição diversa da concepção dominante, em visão funcional, sistêmica e

estrutural (GIOIA; PITRE, 1990). Assim, em consideração plural, ou perspectivas construcionistas (PC) (SANABRIA, 2018) situa visão que, também abriga possibilidades de compreensão do ‘social’ alternativo ao *mainstream* dos estudos organizacionais, acolhendo definição para as representações sociais de natureza processual, a partir de elaborações cognitivas ou produções simbólicas construídas para dar sentido à realidade e ordená-la, implicando ideologias, e relações de poder, como ressalta Copete e Yeison (2007) em pesquisa sobre representações sociais em contexto latino-americano.

Em referência à Moscovici (1979), Copete e Yeison (2007) compreende que as representações sociais estão relacionadas à discursos que implicam em relações de poder, disputas de sentidos, questões raciais e éticas, posto que as elaborações de sentido sobre a ‘realidade’ envolve crenças e concepções em movimento nos ordenamentos da sociedade, ou ordem social, cultural, simbólica, espiritual e epistêmica (COPETE; YEISON, 2007)).

Assim, a pesquisa conforme abordagem apresentada por Copete e Yeison (2007) portanto, confere sentido ao que Sanabria (2018) demanda como epistemologias e diversidade para o campo dos estudos organizacionais, inclusive em atenção às questões indígenas ou do ‘sul’ em referência ao contexto histórico social da virada decolonial, em referência à, por exemplo, Castro-Gómez e Grosfoguel (2007) e Rodríguez, Mandiola, Pulido, e Giraldo (2017), ou centro-periferia, a partir da leitura de Westwood, Jack, Khan, e Frenkel (2014). Conforme Chávez Preisler (2021), representações sociais conferem sentido à abordagem decolonial, inclusive sua pesquisa considera a dimensão gênero a partir das representações associadas.

Dessa forma, as representações sociais envolvem preparação para ação e rede de relações com base em concepções sobre aspectos compartilhado no cotidiano, contribuindo com a perpetuação de ‘dados’ sentidos atribuídos à fenômenos da realidade, impregnando comunicações e interpretações derivadas (MOSCOVICI, 1979). A representação, assim, coordena classificações que geram compreensão sobre o mundo, levando às justificativas e legitimações, como, por exemplo, diferenciações sociais (ABRIC, 2001). Importa salientar, todavia, que a dimensão processual deve ser conferida, ao passo que Sanabria (2018) lembra que além acessar ‘dadas’ configurações representacionais, é preciso investir em ‘como’ estes sentidos foram construídos, assumindo visão de Czarniawska (2003)

Ao pesquisar publicações sobre TRS e mulher, uma busca de artigos indexados na base *Web of Science* (WoS), do *Institute for Scientific Information* (ISI) tendo como filtro temporal os anos de 1945 a 2021, com coleta realizada em 22 de junho de 2021, utilizando-se a palavra “*Social Representation*” mostrou que dos 10 artigos da base com maior volume de citações na base, a quarta pesquisa citada é a de Campbell, Muncer e Coyle (1992) intitulado “*Social Representation Of Aggression As An Explanation Of Gender Differences - Preliminary-Study*”. No artigo, argumenta-se que nas representações sociais da agressão, as mulheres acreditam em um modelo expressivo (em que a agressão é resultado de uma falha de autocontrole) e os homens um modelo instrumental (em que a agressão representa o exercício de controle sobre os outros). Tal leitura, ainda da década de 1990, representa a atenção que Sanabria (2018) suscitou.

Decorre, então, que as representações são derivadas da diversidade dos indivíduos, atitudes e fenômenos e da maneira como os processos sociais são concebidos e construídos pelos sujeitos/atores sociais, portanto, que permite a reprodução e estabilidade desses processos (MOSCOVICI, 2007). Joffe (2003) afirma que a TRS “mapeia os processos pelos quais as

forças socioculturais, históricas e específicas do grupo se sedimentam nas experiências internas, como o “nós” fica contido nas respostas do ‘eu’”(p. 60, tradução nossa)²².

Jovchelovitch (2011) defende que as representações sociais possuem um espaço no campo pessoal que dá forma ao social, ao mesmo tempo, em que cria a matriz sociocultural e histórica do sujeito psicológico. Com isso, as representações sociais transitam em espaços de poder que configuram assimetrias e classificações que precisam ser consideradas e repensadas, face às repercussões sociais delas derivadas. Por isso, a autora argumenta que ao estudar as representações sociais, deve-se fazer mais do que a listagem de sentidos verbalizados sobre objetos, mas uma tentativa de abranger todo o enredo do jogo representacional e sua complexidade em esferas públicas.

Antunes, Carvalho Neto, Souza e Santos, (2018), por exemplo, discute representações de homens executivos em relação às mulheres em função de liderança. Os resultados sugerem representações relacionadas a um maior comprometimento e esforços das mulheres; menor lealdade à empresa; menor centralização e menor poder (ou exercício de) de decisão. Além disso, são representadas como emocionalmente mais frágeis e passivas; e precisam adotar uma postura mais agressiva para negociar (ANTUNES; CARVALHO NETO; SOUZA; SANTOS, 2018).

Conforme Brasil e Cabecinhas (2018), as representações sociais da história desempenham um papel importante na definição da identidade de grupos nacionais e supranacionais, como a América Latina, e também influenciam as relações intergrupais atuais. Países da região latino-americana passaram por longos períodos de exploração durante seus processos coloniais, argumentamos que isso pode influenciar a forma como os indivíduos interpretam e (re)constróem as memórias de eventos passados que são relevantes para a história de seu grupo (BRASIL; CABECINHAS, 2018).

Assim, compreender a lógica dessas representações amplia o leque de oportunidades de pesquisas sobre TRS, ao passo que define definições historicamente perpetuadas sobre gênero representadas e compartilhadas. Enfrentamento dessa dinâmica envolve as relações de poder, inclusive em perspectiva interseccional, quando envolvem dinâmicas semelhantes as ruas que se entrecruzam, configurando eixos de subordinação ou subalternização, como se observa na tríade raça, gênero e classe (CRENSHAW, 2002, 2004). Essa abordagem, conforme Couto, Honorato e Carrieri (2021) é parte importante para os estudos decoloniais no campo dos estudos organizacionais, compreendendo que as hierarquias de natureza política, econômica, cultural, racial e de gênero, por exemplo, são o lado mais sóbrio da modernidade.

No Brasil, por exemplo, as mulheres enfrentam desafios associados a essas representações, inclusive em função da desigualdade racial, assédio no transporte público, violência social e doméstica e desigualdade no mercado de trabalho são os que aparecem com mais intensidade (ODS, 2020). Quando a representação envolve a mulher imigrante, Bertoldo (2018) informa haver importantes desafios para o processo migratório desse público, desde o controle por parte do Estado, segregação laboral, relações trabalhistas abusivas, lógicas de servidão, discriminação étnico-racial, isolamento e o preconceito. Assim, compreende-se que a mulher imigrante assume maior desafio frente à interseccionalidade, em que o poder compreendida como resultados de relações sociais demanda análises sobre a interseção de

²² Maps the processes whereby sociocultural, historical and group-specific forces become sedimented in inner experiences, how the ‘we’ becomes contained in the responses of the ‘I’.

‘diferenças’ e como, por exemplo, elas representam e perpetuam desigualdade ou igualdade (PISCITELLI, 2008)

Conforme o Comitê para Eliminação da Discriminação Contra as Mulheres - CEDAW da Organização das Nações Unidas - ONU (2005, p. 04), para entender as formas específicas em que as mulheres são afetadas, é necessário examinar a migração sob a perspectiva da desigualdade de gênero, papéis tradicionais das mulheres, desequilíbrio de gênero no mercado de trabalho, a prevalência generalizada da violência de gênero e a feminização da pobreza e migração laboral globalmente.

Dutra (2013) afirma que muitas mulheres são impulsionadas a emigrar em busca de trabalho na fuga do desemprego, de condições de precariedade, ou até mesmo por falta de reconhecimento. Outras pela necessidade de capacitação, por se sentirem discriminadas pelas diferenças salariais, pela segregação ocupacional, e outras vulnerabilidades enfrentadas em determinadas origens sociais. Contudo, mudar de país nem sempre é garantia de todos os direitos, muitas enfrentam no país de destino situações de discriminação, e, ainda, por atos xenofóbicos.

Assim, a pesquisa visa avançar na compreensão da migração de mulheres, sobre a lente das representações sociais e, ainda, considera às interseccionalidades derivadas das relações de poder (CRENSHAW, 2002, 2004; PISCITELLI, 2008), no que tange ao gênero, no caminho de Chávez Preisler (2021). Para tanto, confere-se abordagem processualista em que além da representação social ‘dada’, busca-se apreender sentidos do ‘como’ essas representações (SANABRIA, 2018) suscitam dinâmicas excludentes e xebofóbicas sob o prisma da tríade gênero, raça e classe, questões que historicamente fazem eco à virada decolonial (CASTRO-GÓMEZ; GROSFUGUEL, 2007; RODRÍGUEZ; MANDIOLA; PULIDO; GIRALDO, 2017).

Metodologia

A pesquisa, com suporte em estudo documental e observacional (BAUER; GASKELL, 2002), de abordagem qualitativa e natureza compreensiva (MINAYO, 2014), visa investigar representações sociais associadas à mulher imigrante, com suporte em narrativas do *podcast* denominado ‘Mulheres Imigrantes’, destinado às mulheres que compartilham experiências de imigração. Para evidenciar a utilização dos conteúdos da plataforma como dados de pesquisa, recorre-se à leitura e compreensão das análises realizadas por Howard-Sukhil, Wallace e Chakrabarti (2021), Vasquez Heilig et al. (2021) e Lundström e Lundström (2021), Moten, (2021) e Hoydis (2020), que, torna-se, ainda, mais relevante quando a investigação busca a representação social.

O *podcast* do estudo, funciona com episódios quinzenais, gravados a partir de outubro de 2020, com relatos de mulheres, a maioria brasileiras, sobre os desafios e conquistas por ser mulher imigrante, que viveram situações cotidianas durante o processo de imigração, e compartilharam histórias sobre o autoconhecimento, aventuras, indecisões, propósitos, veganismo, mudanças, inclusão, despedidas, estabilidade, sustentabilidade, voluntariado, impacto, imigrantes, narrativa, leveza, realidade, desafios, transformação, mãe imigrante, potência, resiliência, conquistas, desejos, possibilidade, conexões, evidências, em diversos países pelo mundo, entre eles Austrália, Portugal, Estados Unidos, Canadá e Alemanha.

Realizou-se escuta e análise dos 27 episódios publicados de outubro de 2020 a dezembro de 2021, considerando as categorias analíticas: gênero e xenofobia e categorias emergentes relacionadas às questões representacionais associadas ao tema. Dos 27 episódios, 15 foram selecionados e transcritos na íntegra, reunindo aproximadamente 15 horas de áudio, conforme quadro 1, ressaltando relação entre questões relacionadas à gênero e situações de xenofobia e desafios da tríade gênero, raça e classe, levando à *insights* interseccionais, vivenciadas pelas mulheres entrevistadas.

Quadro 1 – Episódios escolhidos com suporte nas as categorias analíticas: gênero e xenofobia

Podcast 1; Introdução com Bárbara dos Santos; 17min27seg	Podcast 2; Autoconhecimento com Ana Xavier; 43min05seg	Podcast 3; Aventuras com Mônica Plaza; 54min16seg
Podcast 4; (In)Decisões com Camila Dayan; 59min18seg	Podcast 5; Propósito com Marcella Bade; 57min49seg	Podcast 7; Mudanças com Julia Harger; 01h02min29seg
Podcast 8; Inclusão com Ana Paula Deodato; 01h06min24seg	Podcast 10; Estabilidade com Danielle Aquino; 59min32seg	Podcast 11; Sustentabilidade com Debora Duarte; 01h02min34seg
Podcast 13; Impacto com Priscila Menezes; 01h02min16seg	Podcast 14; Imigrante com Camila Almeida; 01h08min35seg	Podcast 16; Leveza com Alessandra Yokota; 01h06min56seg
Podcast 20; Busca com Júlia Bier; 01h23min53seg	Podcast 25; Possibilidades com Fernanda Belmiro; 01h40min28seg	Podcast 27; vidências com Cássia Gallas; 01h20min40seg

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Para categorização na perspectiva de Minayo (1992), para estabelecer classificações e relações. A autora recomenda o desenvolvimento de categorias prévias à coleta de dados, formadas por concepções mais gerais e abstratas, denominadas analíticas; e, na sequência, as que emergem dos dados, mais específicas e concretas, definidas como empíricas. Essa categorização prévia, segundo Brooks, Cluskey, Turley, e King, (2015), devem ser provisórias, redefinidas ou removidas se não se revelarem úteis ao longo da análise dos dados.

Por fim, importante compreender que esse processo de categorização de aproxima do exercício conceitual, ao passo que conceito pode ser definida como “unidades de significação que definem a forma e o conteúdo de uma teoria”, ou seja, procedimentos mentais, hierarquizados, que reproduzem uma concepção a respeito da realidade, por isso a necessidade de apreendê-los, analisá-los e defini-los (MINAYO, 2014).

Minayo (1992) sugere que as categorias sejam analisadas com suporte em análise de conteúdo hermenêutica-dialética, ao situar a fala dos atores sociais em relação ao contexto, para melhor compreender as narrativas. Sugere que essa análise seja desenvolvida em níveis: (i) primeiro nível, que envolve as determinações fundamentais (conjuntura socioeconômica e política do qual faz parte o grupo social a ser estudado); e (ii) segundo nível, que corresponde ao encontro do pesquisador com os fatos na pesquisa, ou seja, com as comunicações individuais, as observações, dentre outros. Por fim, Minayo (1992) propõe que uma terceira etapa seja

desenvolvida, a da análise final, que envolve a articulações entre os dados e as teorias, e, também as categorias analíticas e empíricas.

O percurso da análise de conteúdo, ainda, considera ser os dados de natureza documental, considerando transcrição de áudios de episódios de *podcasts*. Assim, recorre-se aos passos definidos por Bauer e Gaskell (2002, p. 362): (i) escolher um referencial teórico e aplicá-lo ao objeto empírico; (ii) selecionar um referencial de amostragem com base no tempo ou no conteúdo; (iii) selecionar um meio de identificar o objeto empírico no referencial de amostragem; (iv) construir regras para a transcrição do conjunto das informações - visuais e verbais; (v) desenvolver um referencial de codificação baseado na análise teórica e na leitura preliminar do conjunto de dados, que inclua a análise da estrutura narrativa e do contexto, bem como das categorias semânticas; (vi) aplicar o referencial de codificação aos dados, transcritos em uma forma condizente com a translação numérica; (vii) construir tabelas de frequências para as unidades de análise, visuais e verbais; (h) aplicar estatísticas simples, quando apropriadas; (i) selecionar citações ilustrativas que complementem a análise numérica. Após uma análise e identificação das categorias de análise, o *podcast* analisado foi observando as respostas das entrevistadas às perguntas: ‘o que te levou a sair do Brasil/África’, e, ‘quais desafios você enfrentou por ser mulher ou imigrante?’, a regra para a transcrição do conjunto de informações foi a identificação de respostas com relatos de dificuldades em virtude do gênero ou discriminação por ser de outra nacionalidade (xenofobia).

Apresentação dos dados

Considerando análise dos áudios selecionados para o estudo, o quadro 2 reúne segmentos de narrativas por episódio, considerando temática abordada. Além disso, consta no quadro as categorias empíricas atribuídas, considerando a leitura das transcrições dos áudios.

Quadro 2 – Trechos das entrevistas apresentadas no Podcast “Mulheres Imigrantes”

Id.	Segmento da narrativa	Categoria Empírica
Tema Episódio - INTRODUÇÃO		
B.S	[...] mas agora quando eu paro para lembrar de tudo o que eu já vivi nesses 14 anos, tive diversos desafios por ser mulher e imigrante e também, vários, por ser brasileira.	Memória e Ressignificar
B.S	[...] depois arranjei um trabalho como bartender e eu absolutamente odiava quando alguém me perguntava de onde eu era, principalmente se era um homem, pois muitas vezes o comportamento desse cliente mudava assim que eu dizia que eu era brasileira [...] muitas pessoas têm uma “pré” concepção da mulher brasileira que é fácil que já vai conseguir ter algum, alguma relação com ela.	Ser imigrante brasileira Violência sexual
B.S	Já tive muitas vezes homem interrompendo a reunião e de eu ter que [...] falar você me interrompeu e eu gostaria de terminar o que eu estava tentando falar ou de alguma outra pessoa tentar explicar o que eu estava querendo dizer.	Negação do espaço de fala

Tema Episódio – AUTOCONHECIMENTO		
A.X.	[...] eu estava dentro do banheiro falando com a minha amiga, também funcionária na época do bar, e a gente estava falando em português, porque é nossa língua no banheiro, e aí ela falou ela reclamou a senhora reclamou, falou vocês estão falando português Vocês vêm para cá estão falando português se não é para falar língua volta pra onde vocês vieram e tal [...]	Negação da língua-cultura Subalternização do uso da língua - identidade
A.X.	[...] ser imigrante, isso, essas situações que sendo imigrante a gente é obrigada a enfrentar [...] isso é um desafio que imigrar te traz [...]	Naturalização da condição de imigrante
A.X.	Por vezes não é fácil ser uma mulher viajante sozinha [...] seria mais fácil ser homem [...] na questão da segurança.	Insegurança – Ser mulher
A.X.	[...] foi um super desafio por ser mulher e, acima, ainda mais ser mulher branca e loira [...] E eu lembro disso, eu lembro das pessoas falando tu é completamente louca tu vai para um dos países com maior índice de estupro do mundo e tu vai sozinha.	Violência sexual – Mulher, banca e loira Enfretamento - Loucura
Tema Episódio - AVENTURAS		
M.P.	[...] aqui na Austrália por ser um país multicultural [...] por conta da cultura dos outros países, nem tanto dos australianos, não por conta deles, mas existem outras culturas que realmente os homens não respeitam a posição da mulher [...] assim que estava começando também criar meu portfólio, eu fiz uns trabalhos para algumas empresas de outras nacionalidades que realmente não me respeitavam [...] até por conta da nacionalidade [...] até você entender que aquilo não é porque você é, não burra, mas você tem menos conhecimento [...] é por causa da nacionalidade da pessoa, a pessoa já tem aquele preconceito enraizado na cabeça dele, então você não tem muito o que fazer.	Culturas que não respeitam – Mulher; Nacionalidade Descrédito – Inferior
Tema Episódio - (IN) DECISÕES		
C.D.	[...] eu já estava há quatro anos numa mesma posição lá no trabalho [...] 4 anos no mesmo cargo no Brasil e com várias promessas de um fim de promoção e que nunca acontecia. [...] eu sofri bastante sexismo quando eu trabalhei na empresa de eventos, muito, o meu chefe o dono de lá ele era, ele tratava muito mal as mulheres, muito mal, tanto que no começo da empresa dele ele não contratava mulheres era só homens e alguns clientes começaram a pedir para que fossem mulheres. E foi quando ele começou a contratar mulheres, ele tratava a mulher muito mal sabem [...] os meninos, os gays principalmente, usavam aquelas calças que se ele se agachar, assim, rasgava. Mas as mulheres não podiam ter uma calça colada, entendeu? Eram umas coisas assim absurdas. [...] é um negócio surreal. Então teve várias coisas nesse sentido de porque, porque eu sou mulher e também ele tratava outras mulheres dessa maneira sabe. Então [...] era sempre assim, entendeu? Tinha muita diferença onde eu mais sofri por ser mulher.	Diferenças de gênero e Promoção no Trabalho Vestimentas – Negação da Identidade e violência sexual

Tema Episódio - PROPÓSITO		
M. B.	Por ser mulher, no meu primeiro emprego aqui eu fui trabalhar numa farmácia só tinha homens, os donos, e eles eram de uma cultura, assim, bem digamos, machistas. [...] tipo está conversando com ele um deles virar para mim falar a Marcela por que você não tenta trabalhar como representante de vendas farmacêutica porque nessas vagas, ele falou exatamente assim, super natural, porque nessas vagas não precisa nem falar inglês nem precisa saber nada não é só chegar lá bem arrumada e consegue. Então você mulher bonita você vai conseguir [...] e o que não é verdade porque eu sei que é representante de vendas tem que ser tem que saber falar tem que saber se impor.	Diferença e inferioridade intelectual Reificação – A mulher que não precisa pensar, apenas corpo.
Tema Episódio - MUDANÇAS		
J.H.	Eu fui assediada já, no trabalho. [...]. Então a mulher imigrante aqui, ela por muitas vezes, ela era vista enfim pelo homem daqui, homem branco australiano, que tem poder aqui, ela é vista como uma pessoa vulnerável. É uma disparidade de poder muito grande nas relações, porque afinal, a mulher imigrante a gente não sabe, muitas, muitas mulheres, a gente não sabe a situação delas lá na casa, no país, no país de origem. Muitas vieram para cá, de lá, para fazer dinheiro para mandar para a família, outras vieram para estudar [...] então acho que de forma geral a sociedade vê como uma pessoa mais vulnerável, então acaba acontecendo essas situações. Eu passei por isso foi muito horrível, foi muito nojento [...] já tá atrás e vulnerável, já não conhece seus direitos como trabalhadora, já fica com medo da imigração, esse chefe que me assediou além de tudo ele me pagou muito mal [...] Ele me pagava 300 dólares pra trabalhar sete dias, eu trabalhava sete dias por semana. [...] Então assim a gente já não conhece os nossos direitos já é bom estar à mercê mercê de passar por esse tipo de coisa.	Vulnerabilidade da mulher imigrante – legitima as situações de violência. Medo da Imigração Direitos trabalhistas
Tema Episódio - INCLUSÃO		
A.P. D.	[...] mas aí, sendo imigrante na Austrália acabo igualando ali, então a gente deixa de sofrer machismo aqui [...] mas vamos sofrer um pouquinho de xenofobia ali [...] Eu fiquei chocada, assim, porque passei por uma violência, fui atrás da segurança, uma coisa que eu acho legal que o segurança geralmente leva muito a sério, acabam botando a pessoa para fora [...] ainda assim os caras acham que eles têm o direito de chegar lá e te importunar, tocar o seu corpo porque você é mulher e acho que foi uma das piores coisas que eu já passei aqui...	Mulher, Corpo, Toque....
Tema Episódio - ESTABILIDADE		
D.A.	Eu passei por situações do tipo, [...] “ué mas você não é brasileira?”... Quando eu falei pro cara que eu não tava convidando ele pra entrar na minha casa e dormir na minha cama comigo. [...] a gente ser tratada dessa forma pela nossa, pelo nosso background e também pelo lugar de onde a gente vem [...]	Ser brasileira – vulnerabilidade

Tema Episódio - SUSTENTABILIDADE		
D.D.	[...] mesmo falando a mesma língua e mesmo até não sendo de pele negra, havia um pouco de racismo e Preconceito de ser de uma ex colônia, vindo da África, então, eles me olhavam, não todo mundo lógico, mas era um pouco sentido isso, aí então não me senti em casa, não era um país que eu achei que era meu, então sempre quis muito voltar para o meu país para tá bem [...] aqui eu vejo muito aqui na Austrália que muitos brasileiros passam por isso né, com essa ideia aqui ainda tá boa mas eu quero estar no meu país [...] não quero mais me sentir estrangeira, não quero mais sentir essa repulsa que às vezes a gente sente [...] os russos são conhecidos por uma cultura bem machista né, e aí o cara fala na minha cara “lugar de mulher é em casa lavando louça”.	Racismo e xenofobia pelo olhar Sentir-se estrangeira Sentir repulsa Lugar de mulher é...
Tema Episódio - IMPACTO		
P.M.	A gente sofre muito abuso. Eles falam até, há volta pra Índia [...] me falam volta pra Melbourne, eu tenho certeza que você veio de lá...	Sentir-se expulsa
Tema Episódio - IMIGRANTE		
C.A.	[...] dois problemas muito óbvios pra mim, o primeiro era o estereótipo da brasileira imigrante que é hiper sexualizada que é que vem pra cá pra catar marido, ou que é objeto do desejo dos outros ao invés de ser só uma questão individual que merece respeito...	Estereótipo da brasileira imigrante sexualizada
Tema Episódio - LEVEZA		
A.Y.	Então eu sofri muito no meu primeiro ano eu tive experiências que não foram legais de preconceito de xenofobia, uma coisa que na hora a gente não percebe, que eu só descobri, que só entendi depois [...] eu cheguei a escutar por exemplo "aí o, pessoal do seu país não trabalha direito, sabe, tudo devagar". Então esse tipo de coisa você vai escutando falarem, não, se a pessoa talvez conheceu uma pessoa lá errada, ah, não, acha que deu errado com alguém. Mas aí se percebe que realmente não é aquilo, sabe, eu acho que o preconceito é uma coisa muito difícil de lidar, muito, e para mim foi muito difícil [...] porque a minha nacionalidade é uma das coisas mais importantes para mim e eu tenho muito orgulho de ser brasileira, então, escutar aquilo...	Trabalho de menor qualidade em menor quantidade Orgulho de ser brasileira Minha nacionalidade é importante para mim

Tema Episódio - BUSCA		
J.B.	<p>Acho que eu tinha uma consciência muito grande da dificuldade de ser cientista e ser cientista no Brasil ainda por cima em e mulher será só para dar um perigo a mais ali. Então eu tinha muito medo, insegurança e noção de que seria muito difícil eu tinha noção do meu ambiente, por mais que eu tivesse feito Unicamp que é das melhores universidades do Brasil eu sabia que não ia ser fácil.</p> <p>Eu gostava muito e hoje a minha relação com a gastronomia mudou muito porque eu acho que eu carrego ainda um pouco de trauma na profissão que é uma profissão muito difícil, muito machista, sofreu muito preconceito, muito abuso dentro da cozinha e acho que. Foram coisas que foram determinantes também para minha saída é repensar as minhas escolhas e me firmar com muita segurança na ciência de volta. Então eu sofria muito disso tanto por ser brasileira quanto por ser mulher. Então falavam que eu estava com calcinha fio dental e falavam que eu estava sem calcinha [...] e falava assim “nossa, mas não é possível que no Brasil toda mulher tem esse quadril”</p>	<p>Consciência dos desafios - medo e insegurança</p> <p>Ser cientista brasileira</p> <p>Ser cientista brasileira no Brasil</p> <p>Gênero e escolha profissional</p>
Tema Episódio - POSSIBILIDADES		
F.B.	<p>Por ser mulher aqui em Portugal a gente passa muito, aqui ainda tem uma visão muito antiquada da mulher brasileira prostituta que vem aqui roubar homens portugueses, é tipo impressionante [...] quando eu cheguei aqui tava sozinha, aí tava saindo com uma pessoa do tinder [...] um cara de Portugal e a maneira como ele falou da gente é muito depreciativa, não é intencional, sê vê que tem coisas que não são intencionais, mas ainda é muito enraizado a maneira como eles nos veem, aqui com mulheres, então, assim, eu particularmente passei por uma situação assim mais constrangedora que foi no trabalho. Eu tava no ambiente, naquele momento tinha só homens eram 5 homens e só eu de mulher e eu ouvi uma piadinha[...] riram e eu só olhei e falei assim gente, respondi qualquer coisa e saí, mas dentro da minha mente aquela piada foi feita por ser mulher, e não acredito muito por ser imigrante, talvez se eu fosse uma mulher portuguesa naquele momento eu não teria ouvido a mesma piada, que eu ouvi, então assim é muito sutil algumas coisas aqui ainda é muito é realmente estrutural, você ver que é estrutural ...</p>	<p>Manifestações não intencionais – fruto de uma dada</p> <p>representação</p> <p>Mensagens sutis</p> <p>Preconceito estrutural...</p>
Tema Episódio - EVIDÊNCIAS		
C.G.	<p>[...] desafios para fazer amigos. Foi muito difícil, mesmo estudando, mesmo tendo uma turma fechada no mestrado em que a gente era obrigada a conviver todos os dias. Eu tinha um amigo no primeiro semestre inteiro, que era o único outro imigrante, que era o Aurélio que era da Venezuela [...] eu levava meu chimarrão pra aula eles faziam piadinha do meu chimarrão, eles faziam piadinha do jeito que eu falava, eles diziam que eu era muito desrespeitosa para chamar a professora de você...</p>	<p>Integração e Socialização</p>

Fonte: dados da pesquisa

Discussão dos resultados

Para a discussão, novo quadro 3 foi elaborado, para melhor delimitar as categorias empíricas para a discussão e alguns fragmentos de análise. Para a pesquisa, essas categorias serão consideradas à luz das representações sociais.

Quadro 3 – Categorias empíricas e fragmentos de análise

Categoria Empírica	Fragmentos de análise
Preconcepções Estruturais Naturalização Subalternidade Reificação Vulnerabilidades Violências Medo e insegurança O 'não' enfrentamento Ressignificação	Memória e Resignificar
	Estereótipo da brasileira imigrante sexualizada
	Violência (s) – corpo e vestimentas, língua e nacionalidade, gênero e adjetivações – branca e loira – desafios identitários...
	Subalternidade
	Preconceito estrutural – naturalização da condição de imigrante.
	Consciência do preconceito e a vivência do medo e da insegurança de ser...
	Enfrentamento entendido como loucura
	Preconceito estrutural e variações culturais nacionais
	Resultados da Subalternidade – estigmas relacionados ao trabalho à capacidade intelectual/ cognitiva
	Reificação – mulher corpo, mulher bonita, que não precisa pensar
	Resultados da Subalternidade – vulnerabilidades sociais e o medo da imigração; direitos trabalhistas
	Violência exercida pelo olhar: sentir-se estrangeira, sentir repulsa, nojo, sentir-se expulsa.
	Preconceito estrutural – naturalização das atribuições de trabalho adequadas à homens e mulheres, bem como qualidade e quantidades relacionadas.

Fonte: dados da pesquisa

Observou-se por meio da análise dos *podcast* que as mulheres imigrantes compõem uma representação social, pois sua diversidade, comportamentos e feitos podem ser tomados como ponto de partida com o objetivo é descobrir como esse grupo de mulheres podem construir um mundo estável, previsível, a partir de tal diversidade (MOSCOVICI, 2007).

Pontes (2004) afirma que o imaginário ocidental de um Brasil feminino e sexualizado foi amplamente vinculado ao imaginário europeu da colonização, enfatizando a nudez indígena a devassidão e, no corpo negro, objeto de realização de desejos; assim foi formada a mitologia brasileira, 'inventada' na simbologia de um Brasil feminino e cordial, representada na contemporaneidade, contribuindo com narrativas e práticas convergentes com essa ideia de 'mulheres brasileiras'.

As entrevistadas ressaltam um atributo construído socialmente e referenciado à mulher brasileira, ser como 'fácil', mobilizando atitudes vigilantes por parte das mulheres, considerando que essa representação 'dócil', permite que os homens as abordem de maneira

indiscriminada. A mulher, nessa dinâmica, objeto de desejo e de acesso legitimado pela representação associada, é concebida de maneira reificada.

As mulheres representam a maneira como lidam com os desafios da migração a partir de questões que consideram estruturais, quando discutem sobre ser mulher e ser imigrante. Definem haver duplo movimento discriminatório, e, ainda, impõe à mulher brasileira, pela representação dócil associadas, à configuração naturalizante, que a classifica e hierarquiza, bem como define comportamentos esperados. Nesse processo, impõe-se a condição da subalternidade. A língua foi um fator de diferenciação, ou melhor, de inferiorização por parte das pessoas nativas do local; em Portugal, conforme relatos das mulheres, os brasileiros são taxados de não saberem falar o português correto, ‘não falam português, falam brasileiro’.

As representações sociais racial-hierárquicas, quando associada ao contexto histórico, político e cultural do mundo global, sugere novas representações derivadas no modelo centro, semi-periferia e periferia, por meio da divisão do mundo em Norte e Sul, que, mediante processos imperiais, situa os povos colonizados (Sul) e os colonizadores (NORTE (CASTRO-GÓMEZ; GROSFUGEL, 2007; RODRÍGUEZ; MANDIOLA; PULIDO; GIRALDO, 2017). A maior parte dos imigrantes provém de países considerados periféricos e a interação desses imigrantes nos países-centros, refletem as diferenças entre desiguais e a ‘naturalização da subalternidade’, que implica na desvalorização do trabalho por ser mulher e, ainda, por ser de origem latina, ou sociedade ‘inferior’ (RODRÍGUEZ; MANDIOLA; PULIDO; GIRALDO, 2017).).

Compreende-se nessa discussão que gênero representa uma definição cultural relacionada à formação identitária, em que corpo e subjetividade configuram maneiras de estar no mundo e lidar com ele, são construções sociais. Jovchelovitch (2011), nesse caminho, defende ao afirmar que as representações sociais possuem um espaço no campo pessoal que dá forma ao social. Assim, gênero também representa uma forma de domínio político onde o poder é exercido de maneira desigual (SCOTT, 1990) e, nesse sentido, variados relatos no *podcast* evidenciam que as diferenças sugerem vulnerabilidades e abordagens violentas, no caminho da impossibilidade de defesa ante à representação associada à mulher, e, mais, à mulher brasileira.

Ser ‘fácil’, ‘dócil’, naturalmente ‘inferior’ por ser mulher, conferem representações que atravessam decisões relacionadas à vida laboral nos países receptores, bem como ‘aceitação’ de relações trabalhistas desiguais (ARAÚJO, 2005). O domínio e poder exercidos nessas relações, impõem à imigrante salários inferiores e atividades profissionais compatíveis com essas representações, aceitando-as como inerentes, ou como necessárias. Mesmo que a mulher compreenda criticamente a posição subalterna da condição vivenciada, a imigração revela desafio à possibilidade de resistência, ante à sobrevivência, “o imaginário é o real” (MAFFESOLI, 2001).

Nesse sentido, a maneira da mulher lidar com a representação social e historicamente construídas envolve o não enfrentamento relatados no *podcast*, posto que a naturalização associada, muitas vezes, imprime comportamentos com compartimentos de normas de conduta, que, no contexto de análise, sugere assimilação acrítica da condição subalterna (SPIVAK, 1990). O reconhecimento, ainda, demanda mobilizações das representações e visões de mundo, que exigem reflexões com impactos na maneira de conceber e representar o mundo e as relações sociais e de poder decorrentes (JOVCHELOVITCH, 2011).

O enfrentamento envolve desafios importantes, quando as representações perpetuadas impõem expectativas de condutas, ou frustrações quando não atendidas, o que se deriva da pesquisa de Antunes, et al., (2018). Para tal enfrentamento, ainda, torna-se necessária a resignificação para elaboração de novas representações sociais que configurem outras maneiras de conceber a mulher e, ainda, a imigrante.

As relações trabalhistas abusivas, lógicas de servidão, discriminação étnico-racial, isolamento e o preconceito apontados no estudo de Bertoldo (2018) são recorrentes nos episódios estudados, ao passo que as desigualdades apresentadas não envolvem apenas a condição da imigração, mas, muito, em função de ser mulher. Os relatos também sugerem que as relações de gênero, inclusive, mobilizam o interesse pela imigração, em função de expectativas romantizadas sobre a busca de sucesso, ou ‘ganhar a vida’ em países do Norte. Conforme Dutra (2013), entre outros motivos que impulsionam as mulheres a emigrar, está a falta de reconhecimento em seu país de origem. A autora argumenta que mudar de país nem sempre é garantia dos direitos, muitas enfrentam no país de destino situações de discriminação em razão do gênero e por atos xenofóbicos.

Apesar do CEDAW - ONU (2005) defender que conhecer as representações e os papéis histórica e socialmente atribuídos às mulheres seja necessário para entender as repercussões para a mulher, é importante reconhecer que a representação não está necessariamente associada à natureza das tarefas atribuídas às mulheres, mas a condição de inferioridade e de ‘não’ exercício de poder, a elas conferido, retratando concepções patriarcais. Isso pode ser observado na situação da mulher na cozinha, diferente de mulher sendo ‘chefe’ de cozinha e, ainda, mulher cientista diferindo da mulher ‘chefe’ ou ‘coordenadora’ científica.

As vivências das mulheres imigrantes nos países receptores estão fortemente condicionadas por sua situação social nos países de origem, por marcadores de identidade como raça, etnia e classe social, repercutindo em encruzilhadas interseccionais (CRENSHAW, 2002, 2004). Os relatos no *podcast* situam narrativas de mulheres consideradas da ‘classe média’, com motivações à imigração relacionadas aos estudos, por meio da experiência de intercâmbio. Muitas já tinham a segunda língua, o inglês, e o ensino superior, com fenótipos próximos dos países acolhedores. Essas observações delimitam que desafios relacionados à classe social e à etnia, por exemplo, são questões de menor referência nos relatos.

Essas mulheres fazem parte da imigração escolarizada, com grande capital social e com maiores chances de alcançar níveis menos vulnerabilizados como a maioria de mulheres imigrantes. Mesmo assim, essas mulheres reportam contextos de xenofobia e desigualdades de gênero, associados aos grandes desafios do mundo contemporâneo que traz no seu escopo, antigos problemas de um universo branco e patriarcal.

Considerações finais

Na perspectiva de analisar representações sociais de mulheres imigrantes, por meio de narrativas exibidas na plataforma de mídia *podcast* ‘Mulheres Imigrantes’, visando avançar na compreensão da migração de mulheres, sobre a lente das representações sociais considerando as interseccionalidades derivadas das relações de poder, no que tange ao gênero, a pesquisa transcreveu e analisou 15 episódios.

Das narrativas foram definidas as categorias empíricas ‘Preconcepções Estruturais’, ‘Naturalização’, ‘Subalternidade’, ‘Reificação’, ‘Vulnerabilidades’, ‘Violências’, ‘Medo e insegurança’, ‘O ‘não’ enfrentamento’ e ‘Resignificação’.

Em torno das representações relacionadas às categorias empíricas, as mulheres evidenciam que as representações conferem uma dinâmica ‘estruturante’ à imigrante, no sentido da definição, *a priori*, do que a mulher pode (ou não) fazer nos países, com ênfase para as atividades laborais. Essa dinâmica de pré-concepções, ou representações sociais compartilhadas historicamente, envolve a naturalização de características inerentes à mulher e ao imigrante, incluindo sua origem ‘centro’, ‘semi-periferia’ ou ‘periferia’.

Da ideia de estrutura e naturalização, observa-se a reificação, em função da representação da mulher brasileira ‘fácil’, ‘dócil’, ‘acessível’, impõe-se à imigrante a legitimação da violação por meio da intimidação em função da sexualização dessa representação, conferindo medos e inseguranças às mulheres nas relações sociais estabelecidas. O não enfrentamento, no que lhe concerne, pode sugerir a assimilações dessas representações e desafios para dar significados diferentes do que são historicamente compartilhados sobre ser mulher e, ser mulher imigrante de país ‘periférico’.

Com os episódios do *podcast* foi possível observar a diversidade das mulheres imigrantes, analisando as atitudes e fenômenos para tentar contribuir com a construção de um mundo estável e previsível, mediante o mapeamento dos processos pelos quais as forças socioculturais, históricas e específicas dessas mulheres se sedimentam em experiências internas (MOSCOVICI, 2007; JOFFE, 2003). Pelo fato de as mulheres convidadas a falar no *podcast* serem de classe média, com escolaridade superior e que buscam a migração para estudar. Assim, aspectos relacionados à classe e questões de raça são menos evidenciadas, sendo mais ressaltados os desafios voltados à diferença de gênero e à xenofobia.

Considerações relacionadas à classe das imigrantes participantes da plataforma, definem desafios da pesquisa. Ampliar compressão sobre representações associadas à mulher considerando, ainda, sua classe, ou classificação social, e, ainda o debate racial, pode ampliar as encruzilhadas interseccionais das migrações, possivelmente quando estas envolvem não a busca voluntária visando ampliação dos estudos ou trabalho, mas condições sociais de crise, em que a migração ocorre forçadamente.

Referências

ABRIC, J. C. O estudo experimental das representações sociais. In.: D. Jodelet (Ed.), **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ. 2001.

AMÂNCIO, Lígia. **Aprender a ser homem: construindo masculinidades**, Lisboa: Editora Livros Horizonte. 2004.

ANTUNES, C. V.; CARVALHO NETO, A.; SOUZA., C. P. L.; SANTOS, C. M. M. O Que eles Pensam Sobre elas? Representações Sociais da Mulher Executiva. **Revista Alcance**, v. 25, n. 3, p. 349-365. 2018.

ARAÚJO, M. de F. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. **Psicologia Clínica**, v. 17, n. 2, p. 41-52. 2005.

ASSIS, G. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros**. 2004. Tese (Doutorado em Antropologia) – Unicamp Campinas, São Paulo, 2004.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**, RJ: Vozes. 2002.

BERTOLDO, J. Migração com rosto feminino: múltiplas vulnerabilidades, trabalho doméstico e desafios de políticas e direitos. **Revista Katálysis**, v. 21, n. 2, p. 313-323. 2018.

BRASIL, J. A.; CABECINHAS, R. Social Representations of Latin American History and (Post)Colonial Relations in Brazil, Chile and Mexico. **Journal of Social and Political Psychology**, v. 5, n. 2, p. 537-557. 2018.

BROOKS, J.; MCCLUSKEY, S.; TURLEY, E.; KING, N. The Utility of Template Analysis in Qualitative Psychology Research. **Qualitative research in psychology**, v. 12, n. 2, p. 202–222. 2015.

BUTLER, J. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. Nova York, Londres: Routledge. 1990.

CAMPBELL, A.; MUNCER, S.; COYLE, E. Social representation of aggression as an explanation of gender differences: A preliminary study. **Aggressive Behavior**, v. 18, n. 2, p. 95–108. 1992.

CASTRO-GÓMEZ, E. S. R. Grosfoguel (Eds.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana e Instituto Pensar. 2007.

CHÁVEZ PREISLER, C. Un modelo para el desarrollo del Pensamiento Histórico. **Clio & Asociados**. La historia enseñada, 2021, 33, Julio-Diciembr. 2021.

COPETE, M.; YEISON, Arcadio. Representaciones sociales, afrodescendencia y formación de maestros y maestras: la contestación y la acomodación. Diálogos sobre educación. **Temas actuales en investigación educativa**, v. 8, n. 15, p. 00008. 2017.

COUTO, F.; HONORATO, B. E. DE F.; CARRIERI, A. de P. The decolonizing future of organization studies. **Ephemera: Theory & Politics in Organization**, v. 21, n. 4, p. 57–88. 2021.

CRENSHAW, K. Mapping the margins: Intersectionality, identity, politics and violence against women of color. **Stanford Law Review**, v. 43, p. 1241-1299. 1991.

Irlanda Pires de Sá Sousa; Fabiana Pinto de Almeida Bizarria
Flávia Lorene Sampaio Barbosa; Meirejane Cardoso Gomes.

CRENSHAW, K. W. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Revista Estudos Feministas**, ano 10. 2002.

CRENSHAW, K. W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem. 2004.

CZARNIAWSKA B. Forbidden Knowledge: Organization Theory in Times of Transition. **Management Learning**, v. 34, n. 3, p. 353-365. 2003.

DE VRIES, M. Enacting Critical Citizenship: An Intersectional Approach to Global Citizenship Education. **Societies**, v. 10, n. 4, p. 91. 2020.

DUTRA, D. **Migrações femininas contemporâneas**. Os desafios e as singularidades. Tema: Migrações femininas contemporâneas. Publicação do CSEM – Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios de Brasília. 2013.

FISCHER, C.; DAHINDEN, J. Gender representations in politics of belonging: An analysis of Swiss immigration regulation from the 19th century until today. **Ethnicities**, v. 17, n. 4, p. 445-468. 2017.

GIOIA, D. A.; PITRE, E. Multiparadigm perspectives on theory building. **The Academy of Management Review**, v. 15, n. 4, p. 584–602. 1990.

HOWARD – SUKHIL. C.; WALLACE, S.; CHAKRABARTI, A. Developing Research through Podcasts: Circulating Spaces, A Case Study. *Digital Humanities Quarterly*. **Digital Humanities Quarterly**, v. 15, n. 3. 2021.

HOYDIS, J. Introduction: New Waves – Feminism, Gender, and Podcast Studies. **Gender Forum- An Internet Journal for Gender Studies**, v. 77, p. 1-12. 2020.

JOFFE, H. Risk: from perception to social representation. **The British journal of social psychology**, v. 42(Pt 1), 55–73. 2003.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. 12. ed. Petrópolis: Vozes. 2011.

JUAREZ, L. G. **Estudo etnográfico sobre a experiência vivida pela mulher latina como imigrante trabalhadora na cidade de Alicante**, Espanha. Tese de doutoramento, Universidade de Alicante, Espanha. 2014.

LUNDSTRÖM, T. P.; LUNDSTRÖM, M. Radical-Nationalist Podcasting under a Post-Fascist Condition. **Fascism**, v. 10, n. 1, p. 186-201. 2021.

MACHADO, I. J. de R. **Cárcere público**. processos de exotização entre Brasileiros no Porto. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais. 256pp. 2009.

Conhecimento & Diversidade, Niterói, v. 14, n. 33, p. 144-165
maio/ago. 2022.

MAFFESOLI, M. “O imaginário é uma realidade”, **Revista FAMECOS**, n. 15, p. 74-82. 2001.

MALMBERG, M.; PANTTI, M. Migrant Youths and YouTube Entertainment: Media Participation in Post-Migrant Finland, **Culture Unbound**, v. 12, n. 2, p. 275–292, 2020.

MARQUES, J. C.; GÓIS, P. **A emergência das migrações no feminino**: feminização das migrações de (e para) Portugal e suas consequências sociopolíticas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2011.

MATOS, M. I. S.; TRUZZI, O.; CONCEIÇÃO, C. F. Mulheres imigrantes: presença e ocultamento (interiores de São Paulo, 1880-1930). **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 35, n. 3. 2018.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo – Rio de Janeiro, HICITEC-ABRACO. 1992.

MINAYO, M.C. S. *O desafio do conhecimento*: pesquisas qualitativas em saúde. São Paulo (SP): Hucitec, 2014.

MORAES, E. Ser mulher na atualidade: a representação discursiva da identidade feminina em quadros humorísticos de maitena. In.: TASSO, I.; NAVARRO, P., (org.). **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas**. Maringá: Eduem. pp. 259-285. 2012.

MORAKVASIC, M. Birds of passage are also women. **International Migration Review**, v. 77, n. 1, p. 7-25. 1984.

MOSCOVICI, S. **Les representations sociales**: um concepto perdido. Publicado originalmente em: El psicoanálisis, su imagen y su publico. Buenos Aires: Huemul. 1979.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social / Serge Moscovici: editado em inglês por Gerard Duveen: traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2007.

MOTEN, C.M. Creating During Crisis: The Development of the Black HERstory 101 Podcast. **Journal of Women's History**, v. 33, n. 3, p. 157-161. 2021.

NEVES, A. S. A. das As mulheres e os discursos As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou retorno ao mito do “amor. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 336. 2007

NEVES, S. Gênero e Ciências Sociais ...ou quando a Ciência também é política. In.: NEVES, S. (org.). **Gênero e Ciências Sociais**. Castelo da Maia: Edições ISMAI. 2011, p. 15-24.

ODS – Os desafios das mulheres na atualidade. **Estratégia ODS**, 2020. <https://www.estrategiaods.org.br/article/os-desafios-das-mulheres-na-atualidade/>.

ONU – Comitê para Eliminação da Discriminação Contra as Mulheres. Recomendación general nº 26 sobre las trabajadoras migratorias. enero 2005. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/BDL/2012/8337.pdf?view=1>.

OIM – Organização Internacional para as Migrações. Direito internacional da migração: glossário sobre migrações. Genebra: Organização para as Migrações, 2009. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=https%3A%2F%2Fpublications.iom.int%2Fsystem%2Ffiles%2Fpdf%2Fiml22.pdf&clen=1862705&chunk=true>

PINTO, F. N. de S. **Duas faces da mulher contemporânea**: carreira e maternidade. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2015.

PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 2, 2008.

PONTES, L. Mulheres brasileiras na mídia portuguesa, **Cadernos Pagu**, v. 23, p. 229-256. 2004.

PRADO, M. M.; NEVES, A. P.; ALBUQUERQUE, N. Xenofobia e violência de género: uma análise de manchetes veiculadas no webjornalismo brasileiro sobre mulheres venezuelana. **RIDH/Bauru**, v. 9, n. 1, p. 319-334. 2021.

REDIN, G. (org.) **Migrações internacionais** [recurso eletrônico]: experiências e desafios para a proteção e promoção de direitos humanos no Brasil / organizadora Giuliana Redin. – Santa Maria, RS : Ed. UFSM. 2020.

RODOVALHO, A. M. Cis By Trans. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, n. 1, p. 365-373. 2017.

RODRÍGUEZ, J. K.; MANDIOLA, M.; PULIDO, H. C.; GIRALDO, A. L. Estudios decoloniales del management y las organizaciones: avances, desafíos y prospectos. Cuadernos de Administración, Invitación a publicar, Número Especial, 1-1. romântico”. **Estudos feministas**, v. 15, n. 3, p. 609-627. 2017.

SANABRIA, M. Las perspectivas constructivistas en el campo de los estudios organizacionales. **Psicoperspectivas**, v. 17, n. 3, p. 112-130. 2018.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 15 n. 2, p. 5-22. 1990.

SIBLEY, C. G.; OSBORNE, D. Ideology and Post-Colonial Society, **Advances in Political Psychology**, 37, Suppl. 1. 2016.

SPIVAK, G. Pratical Politics and the Open End. In: **THE POST-Colonial Critic: Interviews, Strategies, Dialogues**. New York: Routledge. 1990.

Irlanda Pires de Sá Sousa; Fabiana Pinto de Almeida Bizarria
Flávia Lorene Sampaio Barbosa; Meirejane Cardoso Gomes.

STOLKE, V. O Enigma das Intersecções: Classe, 'Sexualidade', Sexo, Sexualidade. A Formação dos Impérios Transatlânticos do Século XVI ao XIX. **Revista Estudos Feministas**, v. 14, n. 1, p. 15-42. 2006.

VASQUEZ, H. J; JAMESON BREWER, T.; AMBER, K. K.; SANCHEZ, M. A Digital Ethnography of Teach For America: Analysis of Counternarrative From the Truth For America Podcast. **Urban Education** (Beverly Hills, Calif.), v. 56, n. 4, p. 610-39. 2021.

WESTWOOD, Robert; JACK, Gavin; KHAN, Farzad; FRENKEL, Michal. **Core-Periphery Relations and Organisation Studies**. 2014.